



O DESAFIO DE (RE)SIGNIFICAR A PRÁTICA DOCENTE NA EJA

Gilberto Pereira Fernandes

Universidade do Estado da Bahia

bragilgil@gmail.com

Resumo:

O presente texto busca refletir alguns elementos que constituem a prática docente enquanto processo de ensino/aprendizagem, no sentido de evidenciar o caráter de interdependência entre tais componentes, numa abordagem qualitativa, numa perspectiva dialética da educação na modalidade (EJA) desenvolvida em uma Escola de Ensino Fundamental Município de Eunápolis/BA. O arcabouço teórico utilizado procura caracterizar essa prática, que tende muitas vezes a esvaziar-se de sentido para ambos sujeitos do processo de ensino/aprendizagem. Para compreender e explicar a origem dos mesmos, buscou-se por meio da abordagem qualitativa colaborativa, determinar o perfil que é traçado para o docente dessa modalidade de ensino e como ele vê o ato de responsabilização pelo “insucesso” na prática pedagógica, muitas vezes restrita para alguns ao desempenho do professor em sala de aula. Nas falas dos professores durante as sessões de diálogo gravadas em audiovisual, foram apontados alguns dos reais problemas enfrentados por eles, segundo a sua própria análise. Os sujeitos refletem as possíveis falhas na prática pedagógica, externando as principais dificuldades que enfrentam em relação ao fazer pedagógico.

Palavras Chaves: Educador, Educando, EJA, Prática docente, (Re)significar.

1. Introduzindo o diálogo

A prática docente é um tema bastante comum no cenário educacional na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino que há supervalorização da prática pedagógica do professor por se acreditar que esse, é um elemento preponderante no processo de ensino/aprendizagem dos alunos. Esses por sua vez, ou não tiveram acesso à escola, ou vem de uma experiência de insucesso no ensino regular, ou ainda, abandonaram a escola por questões sociais: jornada de trabalho excessiva, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem; entre outros fatores.

A supervalorização da prática docente acaba produzindo a ideia de que o professor é o maior, senão o único responsável pela educação desses jovens e adultos, esquecendo-se que existem outros fatores, internos e externos a realidade da sala de aula que terminam por influenciar a formação dos sujeitos da EJA. É comum no ambiente educacional e fora dele, o argumento de que o professor da EJA é descompromissado, que sua prática é insignificante para a vida do aluno, descontextualizada, e permeada por inseguranças e insatisfações.



A escolha desse tema traz uma questão bastante difundida – *A prática pedagógica educativa em sala de aula*. Nessa pesquisa propomos a desmistificação e (des)cupabilização do professor, em tempos em que os atos de culpabilização do professor tomam folego, como se o fato do aluno aprender dependesse unicamente da ação pedagógica docente, deixando de lado questões sociais, culturais, econômicas, políticas que terminam por fundir uma escola excludente e desigual, como reflexo das mazelas sociais e das distancias entre a realidade escolar e a evolução tecnológica.

Desse modo, vislumbra-se a importância do tema proposto, que objetiva caracterizar a prática docente sob a ótica do professor dessa modalidade de ensino por meio da análise de sua narrativa sobre o próprio fazer pedagógico. O fazer docente tem sido alvo de muitas críticas por parte dos agentes educacionais, mediante as estereotipações que tem sofrido esse profissional e o aluno, no atual cenário educacional que se instaurou na sociedade contemporânea, de responsabilização dos sujeitos, como se a vontade fosse o maior fator determinante e condicionante para que ocorra o ensino/aprendizagem significativos (COLL, 2000).

A ideia de que o professor da EJA não consegue transformar a sua prática de sala de aula, nem tão pouco diferencia-la da desenvolvida no ensino regular tem servido para caracterizar esse professor como responsável pelo “insucesso” do próprio sistema educacional. Indo de encontro a esse fatalismo, justificamos a necessidade de conhecer o pensamento do professor sobre os fatores que terminam por esvaziar o sentido sua prática pedagógica em sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no intuito demonstrar os elementos que tem sido determinante no desenvolvimento da prática pedagógica docente nesses dias.

Tal fator torna-se relevante a partir do momento em que se conhece o problema, entender suas causas, discutir sobre ele, buscando possíveis soluções. Por isso a preocupação em apontar as dificuldades enfrentados pelo professor e as possíveis falhas na sua prática, buscando para isso, conhecer o perfil dos professores das turmas de EJA, suas dificuldades e anseios, para entender e discutir a sua prática, que para muitas vozes, precisa ser (re)significada.

Nessa pesquisa, há uma contextualização da prática docente a partir de relatos de professores de uma Escola Municipal que promove a EJA, traçando o perfil desse professor e os desafios enfrentados por ele mediante as mudanças ocorridas no processo educacional em uma sociedade em constante transformação sociotécnica que espera muito da atividade docente como condicionante do sucesso do processo ensino/aprendizagem (FREITAS, 1995).



2. O percurso metodológico

É comum, com fracasso do processo educativo, surgir por parte dos gestores escolares novos modelos de projetos e ações a cada ano, como via de revolver a questão do baixo desempenho acadêmico dos alunos, muitas vezes atribuído a prática desinteressada, ou pouco significativa dos docentes, que terminam por ser responsabilizados pelo insucesso, como se a sua ação fosse a única responsável pelos fracassos no processo de ensino/aprendizagem (CUNHA, 1994).

Nessa pesquisa buscamos ouvir os professores para evidenciar o seu pensamento sobre as dificuldades enfrentadas por ele para desenvolver uma prática pedagógica que seja significativa e que promova de fato o processo de ensino/aprendizagem em turmas de EJA. Por meio de uma abordagem qualitativa, demos voz ao professor, para saber como ele entende a sua atividade pedagógica e os impactos provocados por ela naquelas turmas.

Ao adotar a perspectiva dialética foi imprescindível dar voz aos sujeitos pesquisados, por isso promovemos uma pesquisa colaborativa utilizando como técnica a produção de entrevistas semiestruturadas gravadas em audiovisual com seis (6) professores da EJA do turno noturno, na Escola Municipal Humberto de Campos, que fica situada na cidade de Eunápolis-Bahia. Após filmadas, as sessões de diálogo foram transcritas, e coadunadas ao referencial teórico utilizado.

Dentre os 6 (seis) professores que participaram das sessões de diálogo, todos têm nível superior, apenas 2 (dois) deles, o professor de ciências e a professora de matemática não possuem formação específica para área em que atuam. Nos 2 (dois) anos em que atuam na EJA. Os professores, disseram não ter recebido nenhuma formação específica para atuar nessa modalidade de ensino, contam com a experiência de sala de aula no ensino regular e leituras sobre a EJA.

Afim de que pudemos dar voz aos professores, decidimos promover sessões de diálogo, em que o pesquisador/mediador propunha aos poucos, questões, que iam sendo respondidas pelos sujeitos, com o objetivo de refletir sobre os insucessos na prática docente, num tom dialógico, dando espaço para que os professores pudessem discutir as possíveis falhas em sua prática e do sistema educacional, no processo formativo dos educandos da EJA (BRASIL, 1997).

A análise das entrevistas aparece entremeada no texto, transposta das vozes dos sujeitos em trechos transcritos, que se coaduna ao referencial teórico e concepção pedagógica assumida, que busca valorizar o trabalho do professor respeitando o paradigma da autonomia do sujeito educador.



3. O contexto da prática docente na realidade investigada

Nas últimas décadas, métodos e técnicas educacionais consagrados em pedagogia foram seguidos e severamente questionados por autores de diversas correntes, que começaram a tornar-se conhecidas a partir da segunda metade do século XX. “Muitos deles faziam parte da prática docente e eram utilizados por quase a totalidade das escolas no Brasil e no mundo. Aulas expositivas, provas escritas ou orais, segunda época, prêmio e castigo, foram aos poucos sendo substituídas por outros elementos” (ZAGURY, 2006, p. 137).

O desafio de abandonar antigas práticas, ou simplesmente, tentar dar um novo sentido a ela, gerou por parte da comunidade acadêmica diversas inquietações. Muitas são as dúvidas que povoam a prática do professor em sala de aula. Diante de um novo contexto superabundante do ensino, o professor tem se visto, instigado a repensar a metodologia que utiliza em sala de aula, com a preocupação de abandonar as práticas tradicionais, tarefa colocada como de responsabilização exclusiva do professor.

A seguir apresentamos a série de questionamentos que foram respondidos pelo professor durante a conversa formal gerada no círculo de diálogo organizado para discutir o tema em questão. Os questionamentos e falas são tomados como base para expor o fruto da ação dialógica, em consonância com o referencial adotado.

Questões feitas e respondidas no decorrer da ação dialógica:

Questão 1: Como você vê a necessidade de mudança na prática do professor apregoadas pelas novas concepções pedagógicas difundidas pela academia?

Me sinto bastante cobrada para mudar a prática pedagógica e vejo como uma necessidade mesmo, acredito que o mundo mudou e que precisamos nos adequar a essa nova realidade educacional, o problema é que a cada dia tudo é repensado. Reconheço não dá mais para fazer em sala de aula o mesmo que fazia a 10 anos, tudo mudou, as pessoas mudaram, a tecnologia está muito evoluída e acho que nós não estamos conseguindo dar conta dessas mudanças (FALA DO PROFESSOR 2).

O professor tem sido muito cobrado em relação a sua metodologia de ensino, principalmente no sentido de fugir do que é tradicional. Muitos são os projetos produzidos para que o professor trabalhe em sala de aula, e a cada novo fracasso, o professor é convidado a mudar sua metodologia para se adequar ao que o sistema educacional propõe para o momento. Contudo, refletimos, até que ponto ele tem auxílio pedagógico para poder repensar a sua prática.



Questão 2: A escola oferece algum apoio pedagógico especializado para auxiliar o professor a repensar a sua atividade pedagógica?

Temos o coordenador pedagógico que sempre faz reuniões para discutirmos possibilidades de mudança na nossa prática pedagógica para atender as necessidades dos alunos da EJA, mas acho que na maioria das vezes é mais para fazer cobranças e nos lebras que o aluno da EJA tem muitas dificuldades que devemos considerar, acredito que as reuniões deviam ser mais de planejamento mesmo, mais isso é algo difícil porque os colegas nem sempre querem planejar (FALA DO PROFESSOR 6).

Na fala dos professores, embora a escola possua coordenação e ocorram reuniões periódicas, percebe-se que a mesma não tem realizado um planejamento e um acompanhamento pedagógico sistematizado e eficaz no sentido de orientar os professores sobre a sua prática docente em sala de aula, quando é feito segundo relato de um professor nem sempre é proveitoso pela falta de interesse de alguns.

Nóvoa (1992), relata que desde os anos 80, o professor passa por situações difíceis aos olhos da sociedade e do seu reconhecimento em virtude de dois processos: um ligado à profissionalização e, o outro, a proletarização. Para este último aspecto, ponderou que a situação dos docentes está em desvalorização, devido à situação caótica do ensino escolar, bem como a dinâmica profissional na qual os referenciais são constantemente modificados pela sociedade, e os próprios professor terminam por se acusar pelos insucessos, como vemos em um dado momento das sessões de diálogo, como vemos na fala de um professor.

Às vezes você não faz nada porque muitas vezes nossa o professor é relapso é preguiçoso e às vezes a gente mesmo foge de algumas investidas que a direção e a coordenadora queiram fazer, por questões de tempo, de comodidade, por questões de costume porque às vezes a maioria não quer pensar coisas novas (FALA DO PROFESSOR 2).

Nesse momento o professor deixa claro que há uma proposta pedagógica pensada em novo nível de ensino, pelo desejo de reconduzir a prática do professor em sala de aula, contudo, nem sempre o professor corresponde e acaba carregando uma certa responsabilização e culpabilização pelos insucessos pedagógicos, o que nenhum deles de fato quer. Aspecto que tem levado os docentes a abraçarem quais métodos de ensino, sem tecer julgamento sobre o que é realmente bom ou ruim, apenas para atender a uma exigência (BENASSULY, 2002).

Segundo Freire (2006) uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que deve se aproximar dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário”¹ meramente transferidor do perfil do

¹ Tipo de conhecimento, segundo o autor, em que o professor deposita informações no aluno aprendiz, as quais serão cobradas posteriormente com acréscimos decorrentes da aprendizagem, como se o aluno fosse um depositário.



objeto ou do conteúdo. É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo superficialmente feito, mas se alonga na produção da condição, aprender.

Muitas vezes se culpa o professor pelo fato de aluno não aprender é colocada na relação educador-educando que se estabelece em sala de aula, como se a aprendizagem do aluno dependesse exclusivamente do tipo de relação interpessoal que se desenvolve na sala de aula, ou mesmo das atividades que são produzidas.

As condições de verdadeira aprendizagem dos educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim pode-se falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser, e, portanto, apreendido pelos educandos (FREIRE 2006, p. 26).

O processo de escolarização sempre apresentou um modelo de ensino, quando o professor não segue o que o modismo educacional, que determina o que é correto e adequado para o professor ensinar em sala de aula, de acordo com que pensa a sociedade e seus segmentos, este é responsabilizado pelo insucesso do processo educacional.

Questão 3: Você acredita que existe um certo modismo educacional ditado pela sociedade para a escola?

Eu acredito que a escola, o que se faz dentro da escola é o maior responsável pela aprendizagem do aluno, eu acredito que essa relação de professor e aluno, o que a escola tem pra oferecer ao aluno, eu acho que isso ainda é o mais importante, embora a comunidade, as influências de fora, tudo isso seja importante na aprendizagem, porém mais significativo é o que ocorre na sala de aula, o que a escola tem a oferecer, o que o professor tem a oferecer e também a motivação o empenho desse aluno, geralmente seguimos o que está em voga no momento (FALA DO PROFESSOR 1).

O professor sente-se responsável pela aprendizagem do aluno, e em certo ponto é mesmo. Contudo, delimitar o nível de aprendizagem ao tipo de relação que se desenvolve em sala de aula não parece ser o mais correto. Já se sabe como o próprio professor colocou que as influências que o aluno sofre na vida, são diretamente responsáveis pelo seu desempenho, sem se falar nas condições de ensino que a própria escola oferece.

O pensamento, os saberes dos professores devem ser entendidos como categorias socialmente construídas e partilhadas e não apenas construtos pessoais. “Não se trata, portanto, de sujeitos fora da história, nem de sujeitos determinados pela história, mas de sujeitos que constituem o que são nas construções e interações socioculturais”(TARDIF, 2004, p. 233).



Em relação a seleção dos conteúdos a serem aplicados em sala de aula, os professores foram unânimes em dizer que seguem a lista trazida pelo livro didático da EJA que a escola trabalha, mas que segundo eles é insuficiente e não corresponde a realidade do aluno, o que os leva a buscarem em outras fontes como: pesquisas em revistas, jornais, na internet, inclusive em sites do MEC, no sentido de procurar trabalhar os conteúdos pré-estabelecidos de forma que atendam a necessidade de aprendizagem dos alunos.

O que se percebe é que o educador está inseguro em sua prática e tem medo de falhar. Diante desse medo, ele tem cedido às pressões que vem sofrendo, diante do fracasso do aluno, o que segundo (COSTA, 2001, p. 116-118) tem feito com que a relação educando/educador seja cercada por mitos: *o mito da não conflitividade, da horizontalidade, da naturalidade, da suavidade* e o mito da disciplina e regime.

O primeiro mito desconsidera a existência do conflito na relação educador educando, como se ele não existisse. O professor se vê obrigado a não “discutir” com o aluno quando ele tem conduta indesejada, por medo de feri-lo. O que fomenta o segundo a relação de igual pra igual entre educador e educando, onde qualquer imposição do educador é vista como autoritarismo e como atitude punitiva. Tal aspecto faz com que o aluno acredite está no mesmo nível do professor e nem sempre se proponha a fazer o que este estabelece como importante para o processo de ensino/aprendizagem.

Questão 4: Qual o perfil do aluno da EJA contemporâneo?

Os alunos hoje eles questionam muito o professor: “porque eu tenho que saber disso”, então o professor ele tem que está preparado para mostrar ao aluno que isso é importante pra vida dele, eu considero que ainda muitos conteúdos selecionados pela escola, pelo MEC, serem tidos como menor importância para o aluno de EJA [...] há uma dificuldade em balancear o que a escola pede e o que o aluno quer aprender, o que ele vê que realmente aquilo ali é importante pra realidade dele (FALA DO PROFESSOR 3).

Para atender as exigências dos educandos, o professor deve ter uma prática bem planejada. O educador deve estar aberto e disponível a dinâmica natural dos fatos, e, despido de seus valores. E o mesmo é levado a outro mito, o da *suavidade* – a educação se realizando perfeita, desnuda de problemas. Como os problemas surgem, relega-se a punição a outra autoridade, (o diretor, coordenador) é capaz de solucionar os problemas de indisciplina e de aprendizagem.

A implementação de uma prática educativa transformadora e participativa, centrada na construção do conhecimento e na aprendizagem de conteúdos significativos. Um grande desafio,



pois o educador deve estar a serviço do crescimento pessoal e social do educando, ter clareza, objetividade, numa perspectiva democrática, pensando o ensino aliado a teoria e a prática. Ao ressaltar a importância e o uso da teoria quando se depara “com certas situações” junto aos alunos, traduz-se em usar a teoria para intervir na prática, modificando-a. A capacidade de avaliar situações e propor práticas contextualizadas, intencionais, vão além da experiência prática do professor, é qualificada pela teoria (PIMENTA, 2002, p. 24).

Geralmente os professores são preparados, quase exclusivamente, para a docência, para a condução do processo de transmissão de conhecimentos apenas pelo discurso das palavras, eles transmitem aos alunos aquilo que aprenderam e que está nos manuais, como narradores de acontecimentos. Contudo, é necessário que ele esteja preparado para as adversidades.

Questão 5: Quais são as adversidades que enfrenta em sua prática pedagógica? Se sente culpado ao avaliar desempenhos insatisfatórios?

As vezes tenho a sensação de que sou eu que estou atrapalhando a vida do aluno? Porque se há uma resistência, se o aluno está cansado, ele teve um dia de muito trabalho ai vem cansado, ai encontra aquela aula desmotivada, o professor também cansado, ele trabalha pela manhã pela tarde, ele já está a noite esgotado ou ganha pouco, não faz um bom trabalho (FALA DO PROFESSOR 4).

Estabelecer antecipadamente um plano organizado de ações para alcançar determinados objetivos faz parte de uma prática pedagógica que visa reunir elementos de melhor desempenho educativo. Planejar e organizar a ação educativa é oferecer um clima que favoreça o processo de construção de conhecimento, tendo em vista os objetivos que se quer alcançar, o potencial didático do grupo, as estratégias utilizadas, os recursos e as etapas a serem percorridas. Na EJA, o planejamento precisa levar em conta as exigências do contexto social no qual estão inseridos, as características de cada grupo suas aspirações projetos e necessidades, para isso:

Os educadores devem analisar e definir claramente a ação educativa, percebendo-a como uma ação social, estabelecendo uma proposta curricular que considere as relações escola-comunidade e o retrato cultural, produzindo uma prática educativa articuladora da teoria com a prática, tendo o educando como sujeito do processo de aprendizagem (LEMOS, 2001, p. 19).

O professor ao definir o conteúdo a ser trabalhado, deve levar em consideração a proposta curricular entendida no âmbito do PCN como referencial para a organização do trabalho pedagógico. Esse documento sugere o respeito á concepção pedagógica própria e a pluralidade “cultural brasileira”, portanto aberta e adaptável a realidade do aluno. “Concepção que valoriza o



ideal da educação popular e destaca o valor educativo do diálogo e da participação, do saber dos alunos e estimula um desempenho inovador de educadores” (LEMOS, 2001, p. 20).

Diante das dificuldades que turvam e inviabilizam o processo educativo, devemos aceitar e assumir a conflitividade na relação pedagógica, sem abrir mão da responsabilidade de fixar limites. Não se pode negar a verticalidade da relação educando educador e tão pouco deixar a postura crítica em classe, buscando desenvolver no aluno o mesmo. “Assumir e saber lidar de forma clara e objetiva com as asperezas do processo educativo, tomar decisões, impor limites, enfrentar críticas e incompreensões, momentos cruciais no trabalho do educador” (COSTA, 2001, p. 128).

4. Considerações a ponderar

Ao iniciar a pesquisa, a partir da escolha do tema: o desafio de (re)significar a prática docente na EJA, se pensou que seria uma tarefa simples, mas não o foi, apesar de ser um tema comum no cenário educacional, pois o repensar a prática docente deve ser uma constante, vimos que essa postura se dá na teoria, e está distante da prática do professor em sala de aula.

Quando se fala em repensar a prática docente, a ideia que se tem é de que o professor deve abandonar tudo o que está fazendo, porque não deu certo e começar do zero. A supervalorização da prática pedagógica do professor passa então a servir, como forma de justificativa para solução de todos os problemas da aprendizagem, como se essa dependesse exclusivamente do professor.

Já se sabe que os problemas da aprendizagem não envolvem apenas a situação de ensino, está envolto, por questões relacionadas à estrutura física da escola, a necessidade de disponibilização de recursos didáticos em geral para o trabalho do professor, a vivência do aluno, a condição de trabalho do professor, no sentido pessoal e financeiro, o projeto de trabalho desenvolvido pela escola, dentre outros fatores.

De modo que, reproduzir a ideia de que o professor da EJA não consegue transformar a sua prática de sala de aula, nem tão pouco diferencia-la da desenvolvida no ensino regular ou até mesmo, que a prática do professor não apresenta resultados positivos, por culpa exclusiva desse professor, traduz-se em um pensar ingênuo sobre a educação, o que faz com que ressurgam sempre antigas práticas e pensares.



Para tanto, procuramos mostrar que muitos dos fatores que terminam por esvaziar o sentido da prática pedagógica do professor na sala de aula da EJA estão relacionados, não só ao esforço pessoal do professor, embora esse seja um aspecto importante, mas também as condições de trabalho desse profissional, que possui uma jornada de trabalho excessiva, é mal remunerado, conta com classes cheias, enfrenta o problema de violência, da indisciplina e falta de respeito por parte do aluno, não se vê apoiado pela escola, nem pela comunidade e mais uma série de fatores.

Ao analisar a eficácia da sua prática, o professor da EJA considera que ela nem sempre é a esperada e satisfatória, uma vez que encontra dificuldades para definir e atingir os objetivos necessários à aprendizagem do aluno e a própria condição do aluno, como relata o professor:

Essa questão do aluno faltoso que a gente lida na sala de aula às vezes a gente perde muito tempo a conscientizar de que ele precisa estar presente na sala de aula, isso não deixa de atrapalhar a efetivação da prática do professor, a questão dos recursos...o material didático, uma série de barreiras que impedem de fazer o trabalho com qualidade, também a questão do horário[...] (FALA DO PROFESSOR 2).

O professor traz argumentos para a inviabilização de sua prática: dificuldade de motivar os alunos e sentir-se motivado, manter-se constantemente atualizado, escolha da metodologia adequada para cada unidade ou aula, de usar recursos audiovisuais, trabalhar com classes cheias, a indisciplina; como responsáveis.

Enfim nos perguntamos, será que cada uma dessas causas, isoladamente, pode ser um fator responsável por uma prática docente descontextualizada? Ou será que as possíveis explicações deveriam levar em conta um conjunto de variáveis interligadas, construídas ao longo da história de cada professor? E mais uma vez se valorizou a atividade crítico-reflexiva, a contextualização dos conteúdos, o conhecimento da realidade do aluno, a relação com a vivência pessoal de cada indivíduo e constante formação docente, como elementos de significação da prática pedagógica.

O pensamento dos professores e dos teóricos referenciados nessa pesquisa é o de que a ressignificação da prática pedagógica se configura como um processo que se efetiva mediado pela reflexão crítico-reflexiva do professor sobre seu próprio trabalho. Aliada a observância as condições de trabalho que o envolvem, ao projeto de trabalho da escola e ao envolvimento constante de todos os responsáveis pela organização e sistematização do processo educacional.

A realização das sessões de diálogos, trouxeram uma visão mais ampla acerca do tema, porque traduzem o pensamento do professor da EJA da realidade investigada e traçam o perfil de trabalho de um grupo de professores que são fruto de uma formação recente, que traduzem a



realidade que se vê na atual conjuntura educacional. As sessões de diálogo mostram a fragilidade e o clima de insegurança que rondam o professor, e também os problemas, as causas e possíveis soluções para o “insucesso na aprendizagem”.

Sendo assim, fica claro o papel do professor da EJA, a sua parcela de responsabilidade na educação desses jovens, mas também, o papel da escola e da sociedade para com essa mesma educação. E ainda, de que o maior desafio do professor em ressignificar a sua prática está mais voltado para questões estruturais do sistema educacional e da sociedade do que da competência desse profissional.

Referências

BENASSULY, Jussara Sampaio. **A formação do professor reflexivo e inventivo**. In: LINHARES, Célia, e LEAL, Maria Cristina (orgs.): Formação de professores uma crítica à razão e às políticas hegemônicas. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

BRASIL, MEC. **Educação de jovens e adultos**. Proposta para o 1º segmento do ensino fundamental. Brasília, 1997.

COLL, César. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **O professor como educador: um resgate necessário e urgente**. Salvador: Fundação Luis Eduardo Magalhães, 2001.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

LEMOS, Marlene Emília Pinheiro. **Proposta curricular**. In Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos/ Secretaria da Educação a Distância. Brasília: ministério da educação, SEED, 2001.

NOVÓA, A. **Formação de professores e profissão docente**. In: NOVÓA, A. (Org) Os professores e sua formação. Lisboa: D. Quixote, 1992.

PIMENTA. Selma Garrido. **De professores, pesquisadores e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2006.